



Dia Internacional de Luta da Mulher



Editorial

Na última década, o Brasil conquistou mudanças significativas quanto à situação e ao papel feminino na sociedade. A aprovação da Lei Maria da Penha, em 2007, a eleição da primeira mulher à Presidência da República, em 2010, a criação de Secretarias de Políticas Para as Mulheres no âmbito do Poder Público e nos próprios sindicatos*, além de

outros avanços. Uma conquista notável em 2013 é o início das atividades da Secretaria Municipal de Políticas Para as Mulheres na maior cidade do País, São Paulo.

Entretanto, muitas destas mudanças ainda são imperceptíveis para a maioria das mulheres. Na prática, o sexo feminino ainda é vítima de violência, preconceito e tem que enfrentar, com muito mais frequência do que os homens, problemas como assédio sexual e assédio moral.

A falta de creche, os problemas no atendimento médico a crianças e adolescentes e o estigma do aborto também são assuntos que dizem respeito a toda a sociedade, mas que continuam recaindo sobre as mulheres.

A edição 2013 do Boletim da APEOESP trata destes problemas, mas também leva até você arte e informação sobre mulheres de atitude, que estão fazendo suas vozes serem ouvidas em todo o Planeta.

É unânime a opinião de que a luta por uma sociedade respeitosa, que garanta dignidade a todos, é obrigação de homens e mulheres. Mas, dados do Ministério da Saúde apontam que, na prática, em 2011 foram gastos R\$ 5,3 milhões com internações de mulheres agredidas no Brasil.

Por isso, questionem-se e perguntem a seus alunos: De que mundo queremos fazer parte?

Professoras e professores têm papel privilegiado na construção de uma nova sociedade, seja evitando a reprodução de estereótipos de gênero nos materiais, no currículo e no próprio ambiente escolar, seja denunciando casos de violência, abuso e exploração.

O Boletim do Dia Internacional de Luta da Mulher tem o objetivo de auxiliar os educadores nesta tarefa. Boa leitura!

Profª Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

* A Secretaria para Assuntos da Mulher da APEOESP foi criada em 2011. Mas, o Sindicato já editava o Boletim sobre o tema há quase duas décadas, através da sua Secretaria de Políticas Sociais.

Conferência debate políticas para as mulheres

As mulheres representam atualmente 76,5% do Magistério Público de São Paulo. Existem 177 mil mulheres entre os 231 mil profissionais em atuação nas escolas estaduais paulistas. Elas são particularmente afetadas pelas más condições de trabalho e pela ausência de políticas de prevenção e promoção da saúde no ambiente escolar.

A questão foi debatida durante a II Conferência Estadual de Mulheres da APEOESP, realizada em agosto de 2012, com a presença da ministra da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres da Presidência da República, Eleonora Menicucci, a deputada federal Janete Rocha Pietá, e a presidenta da APEOESP, Maria Izabel Azevedo Noronha.

As professoras também participaram de debates sobre o currículo escolar e a questão de gênero na Educação, a importância da construção de creches públicas de período integral e a participação do sindicato nas lutas pelo fim da violência contra a mulher. As diretoras Suely Fátima de Oliveira e Eliana Nunes dos Santos, da Secretaria para Assuntos da Mulheres da APEOESP, coordenaram mesas de trabalho.

As Conferências de Mulheres serão realizadas anualmente; a próxima deve acontecer no segundo semestre de 2013..

Arte e ativismo

Os grafites que ilustram a edição 2013 do Boletim das Mulheres são de autoria da artista carioca Panmela Castro, premiada em Nova York com o DVF Awards, prêmio anual concedido a mulheres que lutam para diminuir a violência e a injustiça de gênero.

Conhecida como Anarkia Boladona, a grafiteira utiliza os muros para propagar imagens de mulheres fortes e desafiadoras. Seus traços conquistaram Nova York, Paris e Istambul e a levaram ao ranking das mulheres mais influentes do mundo.

Entre as 150 mulheres escolhidas pela Revista

Newsweek em 2012, há apenas duas brasileiras: a presidenta

Dilma Rousseff e Panmela, que é também criadora do Grupo Grafiteiras Pela Lei Maria da Penha e da Rede NAMI, uma ONG que usa o grafite para promover os direitos das mulheres e ensinar arte no subúrbio carioca.

A grafiteira de projeção internacional é uma das personagens do documentário My Decision, do ator e produtor norte-americano Fisher Stevens. Conheça seus muros no site <http://www.panmelacastro.com/>



Leia ainda nesta edição:

- ✿ Educação em Saúde: Aids pág. 2
- ✿ O dilema das mulheres brasileiras..... pág. 2
- ✿ A culpa não é da vítima pág. 3
- ✿ Mulheres do mundo pág. 3
- ✿ A escravidão da aparência..... pág. 4
- ✿ Dicas culturais..... pág. 4



Serviço

☑ A APEOESP publica em seu site um Caderno de 40 páginas sobre a Lei Maria da Penha, que protege as mulheres da violência, e também esta edição 2013 do Boletim da Mulher.

☑ Contatos com a Secretaria Para Assuntos da Mulher: mulher@apeoesp.org.br e telefone (11) 3350 6117.

Educação em Saúde: Aids



tou tantas mulheres como a Aids. Dos 40 milhões de portadores do vírus que a Organização Mundial da Saúde estima existirem, pelo menos 50% são mulheres, e essa parcela não para de aumentar”, explica o médico Drauzio Varella em um artigo sobre a doença.

O sexo feminino é mais vulnerável à contaminação do HIV, do

Desde a notificação do primeiro caso de Aids em mulher, registrado em 1983, a incidência da doença entre o sexo feminino vem aumentando em proporções assustadoras. No início da epidemia, havia uma mulher infectada para cada grupo de 26 homens. Atualmente, a proporção é quase a mesma.

“Nenhuma doença infecciosa afe-

ponto de vista anatômico e fisiológico, além de haver o agravante da transmissão do vírus de mãe para filho, durante a gravidez.

Apesar de a epidemia estar sob controle no Brasil, o Ministério da Saúde estima que ainda existam no País aproximadamente 150 mil portadores do HIV que não sabem que estão infectados. Sem prevenção, o ciclo de transmissão da doença não será interrompido.

Campanha Educativa

Representante de uma categoria majoritariamente feminina e atenta ao fato de que propostas educativas podem fortalecer a prevenção, a APEOESP edita há dois anos o Boletim Laço Vermelho, no Dia Mundial de Luta Contra a Aids.

Em 2012, o Sindicato realizou a Campanha “Educação, solidariedade e prevenção podem fazer a diferença. Esta luta é de todos nós!”, que levou às escolas da rede estadual paulista banners, o Boletim Laço Vermelho e um kit com DVD e proposta de atividade pedagógica sobre a Aids, baseada em oficinas realizadas pelo Ministério da Saúde.

Uma pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) revela que a escola é o segundo lugar mais apontado pelos jovens para obter informações sobre a doença. Por isso, é importante superar tabus e incentivar debates em sala de aula sobre a sexualidade e a prevenção de doenças.

o dilema das mulheres brasileiras



aconteceu na Universidade de Santiago do Chile, entre os dias 07 e 10 de janeiro. A professora Suely Fátima de Oliveira participou do Congresso, ao lado de especialistas da América Latina e Caribe.

Leia aqui a síntese da apresentação feita pela professora durante o evento multidisciplinar, que reuniu mais de 60 simpósios sobre ciência, cultura e tecnologia.

“Desde o dia 8 de março de 1857, as mulheres lutam por um tratamento digno dentro do ambiente doméstico, de traba-

lho e na sociedade. Em 1910, durante uma Conferência na Dinamarca, ficou decidido que o 08 de março passaria a ser o Dia Internacional da Mulher, mas somente em 1975, a data foi oficializada pela ONU.

O dia 24 de fevereiro de 1932 também foi marcante na história das mulheres brasileiras, que conquistaram naquela data o direito de votar e serem eleitas para cargos no Executivo e Legislativo. Passaram, portanto, à condição de cidadãs.

O conceito de cidadania é hoje mais complexo, engloba tratados e acordos entre nações. No âmbito interno, há novas leis que regem as relações entre indivíduos e Estado e apresentam novos desafios e oportunidades para políticas públicas de gênero. Em maio de 2002, colocou-se no centro do poder o debate sobre direitos humanos e cidadania da mulher, através da lei 10.539, que criou a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, um órgão com status de Ministério.

Para que este conceito de cidadania

seja completo e efetive-se na prática, cabe à mulher, especialmente às mães e profissionais da Educação, que atuam na formação das novas gerações, identificar discrepâncias culturais e trabalhar exaustivamente no sentido de evitar a disseminação de vícios da cultura patriarcal que, muitas vezes, diferenciam as inteligências masculinas e femininas, dando continuidade ao processo que direciona a mulher para os afazeres domésticos e limita sua participação na sociedade.

O processo de exclusão e discriminação desconsidera que a presença feminina efetiva nas posições mais elevadas da esfera social é irreversível e de valor inestimável para o exercício pleno da cidadania.

Sugestão de aula:

Os dilemas femininos podem ser abordados em múltiplas disciplinas. Um dos maiores nomes da literatura brasileira, Clarice Lispector tratou inúmeras vezes do tema em sua aclamada obra. Como jornalista, Clarice também dedicou-se ao assunto na grande imprensa. Sua coluna, “Páginas Femininas” foi editada no livro “Clarice na Cabeceira - Jornalismo”, que a Editora Rocco lança agora.

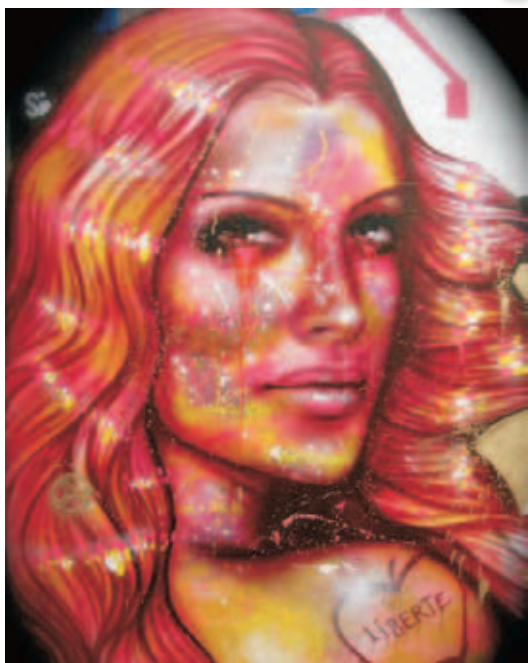


Participe da Marcha do Dia Internacional das Mulheres

08 de março, a partir das 13h00, na Praça da Sé

- Pelo fim de todos os tipos de violência contra a mulher;
- Pelo trabalho decente, contra a retirada de direitos e a precarização das condições de trabalho;
- Em defesa da licença-maternidade de 180 dias para todas as trabalhadoras;
- Em defesa do direito à creche em período integral.

A 'tradição' de culpar a vítima



Os casos de estupro aumentaram 157% entre 2009 e 2012 no Brasil, de acordo com dados do Ministério da Saúde. Só entre janeiro e junho de

2012, foram registradas 5.312 denúncias de estupro, assédio sexual, atentado violento ao pudor e outros crimes sexuais.

Tão chocante quanto os dados é a constatação de que ainda persiste a crença de que a mulher é culpada pela violência. Uma pesquisa divulgada no último mês de janeiro pelo Jornal Correio da Paraíba aponta que nos estados da Paraíba, Rio de Janeiro e Tocantins, 67% das pessoas acreditam que a violência contra a mulher é culpa dela mesma.

Índia

E não é apenas no Brasil que existe este pensamento. O estupro e o bárbaro assassinato de uma estudante em Nova Délhi, na Índia, em 16 de dezembro de 2012, provocou manifestações sem precedentes no País e também um debate internacional sobre a violência e o assédio contra as mulheres.

Um guru espiritual chamado Bapu, muito respeitado no País de tradições

milenares, provocou revolta ao dizer que "a vítima foi tão culpada quanto os seus estupradores".

Nova Délhi, onde a estudante foi violentada, é uma das cidades com mais alto índice de estupro e agressões a mulheres; isso porque parte da população tem a mesma visão machista do guru e de outros formadores de opinião, inclusive no mundo ocidental.

Canadá

"As mulheres devem evitar se vestir como vadias para não serem vítimas de estupros", disse o policial Michael Sanguinetti durante palestra para estudantes da Universidade Toronto, dois anos atrás. O 'conselho' às estudantes que vinham sendo vítimas de assédio e violência provocou protestos e levou 3 mil pessoas às ruas da cidade canadense. Foi a primeira SlutWalk, que espalhou-se pelo mundo. No Brasil, o protesto ganhou o nome de Marcha das Vadias.

Em todos os países, o objetivo das manifestantes é protestar contra a crença de que as mulheres que são assediadas ou estupradas são culpadas por terem 'provocado' os seus agressores com suas roupas ou atitudes.

China

A ideia de que as mulheres, e não os homens, são responsáveis pela violência sexual também levou o governo chinês a uma polêmica campanha no metrô de Xangai, a segunda maior cidade da China. "Garotas, por favor, se dêem ao respeito, para evitar pervertidos" diz a mensagem ilustrada pela foto de uma mulher vestindo burca.

Afixados nos trens de Xangai para inibir o assédio de homens contra mulheres, os cartazes viraram piada nas redes sociais. "Se você não quer ser abusada no metrô da China, use burca!", "Queremos nos sentir bonitas, não queremos mãos sujas sobre nós!", dizem as mulheres chinesas.

Mulheres do mundo

A misoginia é o ódio e o desprezo pela mulher apenas pelo fato de ela ser mulher. Não é uma doença ou um problema psicológico e emocional, é uma escolha, uma maneira de ver o mundo que torna a convivência muito pior para todos.

Conheça aqui algumas mulheres que se tornaram exemplo e inspiração para outras, ao lutar por uma sociedade menos agressiva, livre de leis, hábitos e culturas misóginas.

Com apenas 15 anos, a estudante **Malala Yousafzai** tornou-se um símbolo da luta pelo direito das mulheres paquistanesas à Educação. A menina foi baleada por fundamentalistas religiosos, em outubro de 2012, por escrever o blog Diário de uma Estudante Paquistanesa na BBC Urdu, site da BBC para o Paquistão.

Através do blog da estudante, o mundo ficou sabendo que o Talebã mobiliza milícias para impedir a frequência escolar das meninas. As suas denúncias mobilizaram protestos para que os líderes do Paquistão financiem a Educação de garotas. Malala recebeu o Prêmio Simone de

Beauvoir 2013, em Paris, e foi escolhida como uma das 10 personalidades em Educação 2012, em ranking realizado pela Revista Nova Escola.

Modelo internacional, **Waris Dirie** é a mais notória ativista da luta contra a mutilação genital feminina, prática adotada em muitos países da África e da Ásia. A somaliana, cujo nome de batismo é Soraya Omar-Scego / Liya Kebede, é embaixadora da ONU, escritora e sua história é tema do filme "Flor do Deserto", lançado no Brasil em 2010.

Mutilada quando criança,

assim como 140 milhões de mulheres em vários continentes, Waris criou uma fundação com o seu nome para combater o hábito, que provoca alterações, como problemas urinários, infecções, infertilidade e complicações no parto.

No final de 2012, a ONU aprovou uma resolução que condena a prática e declarou o 06 de fevereiro

como o Dia Internacional de Tolerância Zero Contra a Mutilação Genital Feminina, hábito brutal que consiste na amputação do clitóris e dos lábios genitais, na maioria das vezes sem anestesia.

Nos 29 países africanos, árabes e asiáticos em que é adotada há séculos, a prática é considerada um ritual de transformação da menina em mulher, indispensável para o casamento.

Roxana Saberi é uma jornalista americana, com nacionalidade iraniana. Ela escreveu o livro "Entre Dois Mundos: Minha Vida de Prisioneira no Irã", depois de ser acusada pela república islâmica de espionar o País para os Estados Unidos. A jornalista ficou presa e foi vítima de tortura psicológica para confessar o crime que não cometeu. Libertada graças à pressão internacional, tornou-se uma ativista pelos direitos humanos no Irã e um símbolo das mulheres muçulmanas, historicamente vitimadas por regimes extremistas.



A escravidão da aparência

“Cabelo pode ser tingido /
Aparado ou escovado /
Descolorido, descabelado /
Cabelo pode ser usado /
Bonito e sempre molhado...”

Composição de
Arnaldo Antunes e Jorge Ben Jor



Depois de tantas revoluções na moda e no comportamento, as mulheres permanecem escravas de padrões de beleza muitas vezes incompatíveis com sua herança genética. Uma postagem no blog de uma conhecida maternidade paulista no início deste ano despertou debates e uma série de críticas à moda do cabelo liso.

“Muitas crianças nascem com os cabelos crespos ou rebeldes demais e algumas mães recorrem ao alisamento para deixá-las mais bonitas”, dizia o texto, que sugeria técnicas menos agressivas, como

a escova de colágeno, para domar cabelos rebeldes ou cacheados das meninas.

“A primeira coisa que me irrita totalmente é essa ideia de que cabelo bonito é cabelo liso (de preferência claro e longo), e cabelo “ruim” ou “rebelde” é aquele cacheado. Não tem como negar, há racismo na história”, disse a jornalista Margarida Telles, colunista de assuntos femininos em blog da Revista Época.

O racismo criticado pela jornalista

está no padrão de associar o bonito aos traços europeus, como o cabelo liso, e o supostamente ruim e o feio, como os cabelos crespos ou cacheados, à herança africana, que está na cara e no sangue da maioria dos brasileiros e brasileiras.

O texto, que a maternidade retirou do blog depois das críticas, transferia para crianças dúvidas e inseguranças sobre a cara e o corpo que têm.

Individualidade

E foi preocupada com o respeito à individualidade dos seus cabelos crespos que uma ex-empregada doméstica conquistou o sucesso. A baiana Heloísa Helena Assis criou o Instituto Beleza Natural e também uma fábrica de cosméticos especializados em cabelos cacheados e crespos. Negra, Heloísa formulou e patenteou um produto

para valorizar seus cabelos, que ela era obrigada a prender ou alisar porque os patroas o achavam desleixado.

O sucesso da iniciativa foi tão grande que virou objeto de estudo de universidades, como o Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, e garantiu a Heloísa o Prêmio Claudia 2012 na categoria Negócios. “É um reconhecimento de que realmente ajudei a levantar a autoestima de muitas pessoas”, comemorou, com os seus cabelos cacheados.

Duas mortes

A ditadura da aparência fez mais duas vítimas recentemente. A manicure Nayara Cristina Patrão morreu, vítima de complicações decorrentes de uma lipoaspiração, realizada no dia 07 de janeiro. Nayara morava em Descalvado, a 243 quilômetros

da capital paulista, tinha 24 anos e ficou um mês na UTI, depois da cirurgia.

Já a diarista Maria Gilessy Pereira Silva morreu, no dia 05 de fevereiro, depois de uma cirurgia de implante de silicone nos seios, realizada em um hospital da zona oeste da capital.

Leia, veja, ouça

Na Internet

@ “Esta é a geração das mulheres que atingiu a maioridade nos fabulosos e tumultuados anos 60, quando tudo aconteceu, não só no Brasil, mas em todo o mundo! Na década que virou a História de ponta cabeça, começamos a virar gente grande. Como diz Wendy Crips, escritora americana, ‘Somos uma legião histórica e, se comparada com nossas ancestrais, somos ricas, educadas, saudáveis, independentes e ainda estamos queimando no calor que nos forjou’...”. Assim, a jornalista Célia Pardi apresenta o seu blog com matérias voltadas às mulheres que chegaram aos 60 anos e permanecem antenadas em moda, estilo e bem-estar. O site é www.vidaaos60.com.br

@ “Violência sexual: It’s ok to be a boy..... but a girl, nem sempre” é o sugestivo título que a fotógrafa pernambucana Adelaide Ivánova deu à série de retratos de mulheres que foram vítimas de violência física e sexual.

Formada em jornalismo, Ivánova foi para Berlim estudar fotografia e escolheu como tema para o trabalho de conclusão de curso a violência sexual, por ter sido ela própria vítima deste tipo de crime. As fotografias retratam

mulheres da classe média alta que sofreram abusos em cinco cidades: Recife, Natal, Fortaleza, São Paulo e João Pessoa. Veja no site <http://adelaideivanova.com/>

Nas livrarias

📖 Lançado no dia 18 de fevereiro, o livro “A imagem da mulher na mídia - Controle social comparado”, da ativista Rachel Moreno, resgata o papel da mídia como educadora informal e revela como os assuntos femininos são retratados, além de abordar a legislação sobre o tema. O livro é da Publisher Editora.

📖 “O empoderamento da família para enfrentar a violência doméstica” da Editora da Universidade Federal de São Carlos, reúne práticas de ensino e pesquisa, que envolvem a mulher vítima de violência, crianças vitimizadas e homens que agredem suas parceiras. Escrito pelos pesquisadores Lúcia Cavalcanti, Ricardo da Costa e Rachel de Faria, o livro é resultado de uma experiência desenvolvida pelo Departamento de Psicologia da Universidade e premiada no Concurso Práticas Exemplares de Igualdade, Gênero e Etnia, da Organização Mundial de Saúde.

📖 “Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação”, da Selo Negro Edições, relata a experiência das mulheres negras que atuaram na libertação dos africanos e seus descendentes. O livro reúne artigos de 20 especialistas no tema, que retratam a luta abolicionista nas lavouras, áreas de mineração, engenhos, fábricas e mansões desde o século XVIII. Os historiadores Giovana Xavier, Juliana Barreto Farias e Flávio Gomes organizaram os textos.

No som

Além de já ter embalado uma novela global, o Grupo Samba de Rainha destaca-se no cenário musical pela participação na abertura oficial da mostra “Mulheres que Fazem a Diferença”, em Genebra, na Suíça. Convidadas especialmente pela Missão Permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas, as sete integrantes da banda apresentaram-se na sede da ONU, em 26 de setembro de 2012.

O nome do grupo faz referência às divas do samba, como Clara Nunes, Alcione, Beth Carvalho, Leci Brandão e Clementina de Jesus. O Samba de Rainha já está no seu terceiro CD, “Contrariando a Regra”.


 Dia Internacional de
Luta da Mulher

Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Francisca Pereira da Rocha Seixas
Vice-presidenta

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Paulo José das Neves
Secretário de Comunicações Adjunto

Suely Fátima de Oliveira
Secretária Para Assuntos da Mulher

Eliana Nunes dos Santos
Secretária Para Assuntos da Mulher Adjunta

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Francisca Pereira da Rocha
Roberto Guido
Paulo José das Neves
Fábio Santos de Moraes
Maria Sufaneide Rodrigues
Rita de Cássia Cardoso
Ana Paula Pascarelli
Luiz Gonzaga José
Arivaldo de Camargo
Francisco de Assis Ferreira
Zenaide Honório

Texto e edição:
Ana Maria Lopes - MTb 23.362

Fotografia: Fernando Cardozo

Produção:
Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares